

Apresentação

Este é o terceiro volume consecutivo da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) que agrupa três números em uma mesma publicação, agora correspondentes ao ano de 2003, assim como foi feito em relação aos números que deveriam ter sido editados nos dois anos anteriores.

A intenção do Comitê Editorial foi recuperar a periodicidade da revista, de forma a poder normalizar suas edições a partir do presente ano. Propositamente, foi conservado o mesmo formato gráfico adotado desde o número 191, publicado em 1999, com apenas algumas modificações no estilo e localização das ilustrações, evitando-se mudanças muito próximas na identidade visual da revista, o que poderia prejudicar sua divulgação.

Neste volume, correspondente aos números 206, 207 e 208, o leitor encontrará uma interessante gama de textos que abordam, direta ou indiretamente, o problema da qualidade do ensino e dos baixos índices de aproveitamento apresentados pelos estudantes brasileiros na escola básica. Esses problemas vêm provocando apaixonados debates na opinião pública, na universidade, nas organizações docentes e no meio político, muitas vezes sem a necessária consideração dos antecedentes históricos e do contexto social e cultural que ajudam a explicar as contradições e dificuldades que a escola pública enfrenta hoje no País.

Nesse sentido, a reedição dos textos de Anísio Teixeira e Dante Moreira Leite, sobre o fracasso escolar e a repetência nas primeiras séries, contribui para situar o problema nos dias de hoje, mostrando como essas questões acompanharam desde o início o processo de expansão do ensino básico, que foi sucessivamente incorporando grupos sociais anteriormente excluídos do acesso à educação. Escritos na década de 50, esses textos propunham a adoção da promoção automática, ao lado de outras medidas, advogando a formação de classes segundo o critério de idade dos alunos, com o objetivo de diminuir o atraso e a evasão escolar.

Em sua resenha do livro de Palma, Alves e Duran sobre a experiência do Ciclo Básico no Estado de São Paulo, Moacir Gadotti aborda o mesmo tema analisando os diversos tipos de resistência à introdução do sistema de ciclos, considerado por ele como conquista democrática, devendo ser “preservado, criticado e melhorado”.

As seções Avaliação e Estatística também trazem dados importantes para fundamentar esse debate, a primeira discutindo a queda dos indicadores de aproveitamento dos alunos de 8ª série, registrados pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) entre 1995 e 2001, e a segunda apresentando trabalho de Ruben Klein sobre a metodologia de cálculo dos indicadores de fluxo escolar da educação básica utilizada pelo Inep.

Entre os artigos, o primeiro, assinado por Martin Carnoy, Amber K. Gove e Jeffery H. Marshall, relata um estudo realizado em três países latino-americanos, Brasil, Chile e Cuba, que analisou as práticas de ensino em aulas de matemática de 3ª série. Essas práticas foram registradas em vídeos e classificadas com o auxílio de instrumentos de observação que contemplavam tanto os aspectos de organização das turmas, uso do tempo e tipos de atividades propostas pelos professores, quanto o grau de dificuldade dos conteúdos de matemática abordados. O principal objetivo do trabalho foi o de encontrar explicações para a grande diferença que se observa nos resultados positivos obtidos pelos alunos de Cuba nos testes de conhecimento aplicados por avaliações internacionais, comparativamente aos demais estudantes latino-americanos. Os resultados, apesar de não serem conclusivos, trazem dados interessantes sobre a realidade brasileira vista dessa perspectiva comparada, que podem ajudar no debate sobre a qualidade do ensino do primeiro segmento do ensino fundamental e no delineamento de programas de formação de professores, não só no que diz respeito à matemática, mas de forma geral.

As experiências de educação desenvolvidas em Cuba também estão presentes no artigo de Celso de Rui Beisiegel sobre educação de jovens e adultos. Nesse texto, o autor discute as orientações e os objetivos dos agentes responsáveis pelas propostas de educação popular, tomando como exemplo a Campanha Nacional de Alfabetização de Cuba e o Movimento de Cultura Popular de Recife, ambos no início da década de 60.

Andando mais para trás na história, Marisa Bittar discute o conceito de escravidão presente nos *Sermões* do Padre Antonio Vieira, nos quais ele, contraditoriamente, condenava a escravidão indígena, enquanto procurava justificar a escravidão dos negros. Dirigindo-se aos “pretos da Ethiopia”, o jesuíta adotava o tom de uma preleção pedagógica, buscando alcançar o conformismo dos escravos por meio da aculturação cristã. O leitor atento poderá rever sua compreensão da citação de Fernando de Azevedo, epígrafe do artigo anterior, à luz dos dados analisados nesse estudo.

Tomando como tema as políticas educacionais desenvolvidas no Rio de Janeiro nas décadas de 20 e 30 do século 20, André Luiz Paulilo identifica o surgimento de uma “cultura escolar pública” como sendo o verdadeiro elemento novo das reformas lideradas por Carneiro Leão, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Segundo o autor, seria essa, muito mais do que a polarização entre velhos e novos métodos pedagógicos, a marca dessa fase, com a emergência de uma escola única, laica e gratuita, no lugar da escola do Império, exclusivamente dirigida aos “socialmente iguais”.

Gilson Pereira focaliza a produção sobre educação divulgada em periódicos especializados no período de 1978 a 1986, discutindo aquilo que identifica como uma politização do campo educacional.

O último dos artigos, de Natércia de Souza Lima Bukowitz, descreve situações de prática docente que demonstram a viabilidade de propostas que integram ensino, prática e pesquisa em cursos de Pedagogia.

Como sempre, a revista inclui, no final, uma seção de documentação a cargo do Cibec.

Finalmente, agradecemos a todos que nos têm incentivado e ajudado na editoria da revista, o que contribuiu para a sensível melhora constatada na quantidade e na qualidade dos textos enviados para publicação. Nossa gratidão também aos pareceristas, colegas que certamente tiveram de acrescentar essa tarefa às suas múltiplas obrigações como professores e pesquisadores.

Maria Malta Campos
Coordenadora do Comitê Editorial